

# Waly Salomão – Fábrica de poema

sonho o poema de arquitetura ideal  
cuja própria nata de cimento encaixa palavra por  
palavra,  
tornei-me perito em extrair faíscas das britas  
e leite das pedras.

acordo.

e o poema todo se esfarrapa, fiapo por fiapo.

acordo.

o prédio, pedra e cal, esvoaça  
como um leve papel solto à mercê do vento  
e evola-se, cinza de um corpo esvaído  
de qualquer sentido.

acordo,

e o poema-miragem se desfaz  
desconstruído como se nunca houvera sido.

acordo!

os olhos chumbados  
pelo mingau das almas e os ouvidos moucos,  
assim é que saio dos sucessivos sonos:  
vão-se os anéis de fumo de ópio  
e ficam-se os dedos estarecidos.

sinédoques, catacreses,  
metonímias, aliteraões, metáforas, oximoros  
sumidos no sorvedouro.

não deve adiantar grande coisa  
permanecer à espreita no topo fantasma  
da torre de vigia.

nem a simulação de se afundar no sono.  
nem dormir deveras.

pois a questão-chave é:

sob que máscara retornará o recalçado?

(mas eu figuro meu vulto  
caminhando até a escrivaninha  
e abrindo o caderno de rascunho  
onde já se encontra escrito  
que a palavra “recalcado” é uma expressão  
por demais definida, de sintomatologia cerrada:  
assim numa operação de supressão mágica  
vou rasurá-la daqui do poema.)

pois a questão-chave é:  
sob que máscara retornará?

**Waly Salomão, Poesia total**